

ATITUDES LINGUÍSTICAS DE MIGRANTES SULISTAS EM MATO GROSSO: UM ESTUDO EM SINOP

ELIZANGELA PATRÍCIA MOREIRA DA COSTA*

VANESSA FABÍOLA SILVA DE FARIA**

Resumo: O trabalho busca verificar as tendências nas atitudes linguísticas que migrantes sulistas em Sinop (MT) manifestam em relação às variedades linguísticas mato-grossenses, e, ainda, se o falar sinopense apresenta características consideradas típicas do falar mato-grossense, se revelam certo estigma ou ainda se podem pre-nunciar, de alguma maneira, um possível desaparecimento do falar nativo, tal como evidenciado em Bisinoto. Interessa-nos conhecer as opiniões e avaliações dos falantes acerca do falar característico da região – o falar sinopense – com o objetivo de verificar se as atitudes evidenciadas diante desse falar são positivas ou negativas por parte dos migrantes sulistas.

Palavras-chave: Variação linguística; Atitude linguística; Falar sinopense.

Abstract: *This work aims to research the tendencies in linguistic variations that south migrants in Sinop (MT) presents related to the*

* Mestra em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e docente da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). E-mail: <elizpati@hotmail.com>.

** Mestra em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) e docente da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). E-mail: <vfaria@usp.br>.

mato-grossense linguistic variations, and if this speech from Sinop presents other characteristics considered typical from this mato-grossense speech, if it reveals a certain stigma or if it can predict, somehow, a possible disappearance of native speech, as showed in Bisinoto. We are interested to know the speakers' opinions and evaluations about the typical speech of the region – the speech from Sinop – aiming to verify if the attitudes showed considering this speech are positive or negative.

Key-words: *Linguistic variation; Linguistic attitudes; Speech of Sinop.*

Introdução

Este trabalho tem por objetivo apresentar resultados preliminares de pesquisa iniciada em 2008, e, no escopo desta, discutir as atitudes linguísticas encontradas no Município de Sinop, no Estado de Mato Grosso (MT), considerando-se o intenso movimento de migração ocorrido na década de 1970 e a possibilidade do falar sinopense configurar-se a partir da influência das várias correntes migratórias ocorridas naquele período.¹

O Brasil, marcado pela heterogeneidade de etnias, costumes e cultura, possui também em cada região do seu território uma diversidade de falares, que constitui sua identidade multifacetada,

¹ Devido ao fato de Sinop ter apenas poucas décadas de fundação político-administrativa, encontrou-se pouca literatura sobre a história da municipalidade. As poucas literaturas encontradas são recentes e difíceis de serem localizadas. O histórico do Município, que constitui esta introdução, baseia-se em dados levantados nos sites da internet que constam na bibliografia e de histórias narradas por fundadores da cidade, com os quais tivemos contato, por ocasião de nossa visita à cidade.

na riqueza das diversidades linguísticas em contato. O Estado de Mato Grosso, inserido nesse contexto macro, é também marcado por várias regiões linguisticamente determinadas, tendo em vista o seu processo de colonização.

Sinop parece marcada por uma heterogeneidade proveniente dos diferentes falares em contato, influenciada pelos migrantes fundadores, dentre os quais destacam-se os paranaenses, os gaúchos e os catarinenses. Sinop apresenta, assim, um falar marcado por um léxico, uma fonética, uma morfologia e uma sintaxe que não são próprios da região de Mato Grosso, embora funcionem dentro do Estado.

Sendo assim, esta pesquisa se propõe verificar as tendências nas atitudes linguísticas que moradores de Sinop – migrantes, que chegaram no Município na época de sua fundação; e filhos de migrantes, que vieram com seus pais por ocasião da fundação do Município ou nascidos em Sinop – manifestam em relação às variedades linguísticas nativas e mato-grossenses, e, ainda se esse falar nativo apresenta características do falar típico mato-grossense.²

No caso de existirem, se revelam certo estigma ou ainda se podem prenciar, de alguma maneira, um possível desaparecimento do falar nativo, tal como revelou Bisinoto na obra intitulada *Atitudes sociolingüísticas: efeitos do processo migratório*. As análises

² Segundo dados do IBGE, os nascidos em mato Grosso, que compõe os 22%, de acordo com o gráfico apresentado, são, em sua maioria, filhos de migrantes sulistas, nascidos em Sinop. Sendo assim, a população mato-grossense de *tchapa* e *cruis* são em número reduzido na municipalidade.

da referida pesquisa apontaram para a existência de um estigma motivado pelo preconceito existente em relação ao nativo e que o preconceito do migrante revela sua intenção de dominação sobre o nativo e deste falante nativo revela a intenção de negar a sua origem.³

Dessa maneira, interessa-nos conhecer as opiniões e avaliações dos falantes sobre o falar característico da região – o falar sinopense⁴ – com o objetivo de verificar se as atitudes evidenciadas diante desse falar são positivas ou negativas por parte dos migrantes sulistas; compreender como, por que e a partir de quem se manifestam os estigmas e se constituem os estereótipos linguísticos em Sinop.

Para tanto, faz-se necessário um pequeno histórico do processo de ocupação daquele território, bem como uma breve descrição do comportamento linguístico dessa comunidade, tendo como objeto central comparar os falares dos grupos em contato, bem como as atitudes linguísticas dos falantes diante do seu próprio falar e de outros falantes recém-chegados em Sinop.

Assim nasceu Sinop

O processo de ocupação da área onde, atualmente, está localizado o Município de Sinop (MT) teve início no ano de 1972,

³ BISINOTO, Leila Salomão Jacob. Atitudes sociolingüísticas: efeitos do processo migratório. Campinas: Pontes, 2007.

⁴ Embora não conste na literatura linguística tal termo, passaremos a nos referir ao falar característico desta região como o “falar sinopense” por diferenciar-se das características típicas mato-grossenses, já comprovadas por outras pesquisas.

quando a Colonizadora Sinop S.A. (anteriormente, denominada Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná Ltda.) adquiriu de terceiros aproximadamente 500 mil hectares de terra, situados a 500 km de Cuiabá, na BR-163 (Cuiabá-Santarém), e criou a Gleba Celeste. O projeto da colonizadora consistia na fundação de quatro novas cidades: Vera (fundada em 1972), Sinop e Santa Carmem (fundadas em 1974), e Cláudia (fundada em 1978).

Tal processo provocou a entrada de migrantes no norte do Estado de Mato Grosso com o objetivo de desbravar as terras desconhecidas e inexploradas em plena floresta amazônica. Em 1972, chegaram as primeiras famílias de pioneiros, provenientes do Paraná. Mesmo com todas as dificuldades da viagem do Paraná a Sinop, que àquela época durava em média 7 dias, o fluxo migratório aumentou paulatinamente. Essas famílias traziam em suas bagagens, segundo o relato do Sr. Plínio Callegaro (um dos fundadores de Sinop), muita determinação para vencer em Mato Grosso.

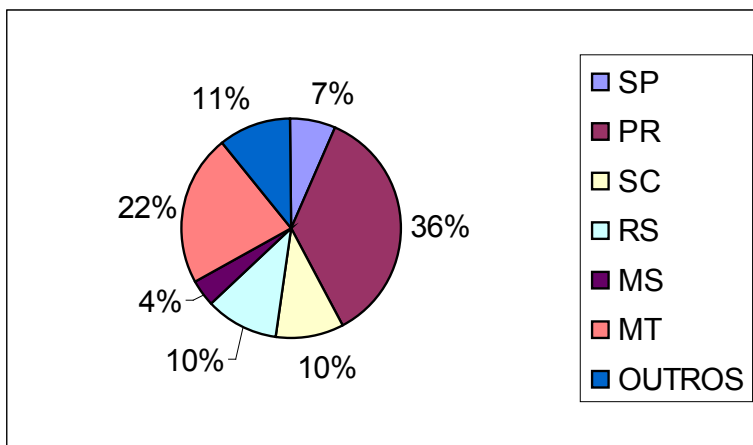
No dia de sua fundação, 14 de setembro de 1974, Sinop era um canteiro de obras com 20 quadras abertas. Dois anos depois, em 24 de julho de 1976, pela lei n. 3.754, de 1976, assinada pelo governador José Garcia Neto, Sinop foi elevada à categoria de Distrito de Chapada. Em 1979, pela lei n. 4.156, de 1979, assinada pelo governador Frederico Campos, Sinop foi elevada à categoria de Município.

O Município de Sinop, por muito tempo, teve como principal base econômica a extração e o beneficiamento da madeira, pois

a acidez das terras do “nortão” (como passou a ser chamada essa região) inviabilizava o desenvolvimento da agricultura. A migração, especialmente sulista, se acentuou e a preocupação dos colonizadores era manter os migrantes em Sinop. Com o desenvolvimento de novas técnicas de manejo do solo, após o tratamento corretivo com calcário, a soja consolidou o desenvolvimento da municipalidade e de toda a região.

Quase quatro décadas após a sua fundação, Sinop possui uma população estimada em 105.762 (cento e cinco mil, setecentos e sessenta e dois) habitantes, segundo dados do Censo 2007, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), atraindo migrantes oriundos de todas as regiões do Brasil, em sua maioria do sul do país, como se pode perceber no quadro abaixo:

Quadro 1. Composição da população sinopense segundo o local de nascimento



Fonte: IBGE, 2011.

Dessa maneira, a população atual de Sinop é marcada pelas influências dos seus pioneiros, seja no campo do conhecimento, nos aspectos culturais, sociais ou linguísticos.

A constituição do corpus da pesquisa e sua análise

O campo de análise da pesquisa de caráter qualitativo, em fase inicial, é a comunidade de Sinop (MT), circunscrita à área urbana, na qual convivem os mato-grossenses e migrantes sulistas.

Os informantes são falantes de grupos linguísticos definidos por região de origem: região norte ou oeste do Paraná que constituem maior número dos colonizadores de Sinop, divididos em dois grandes grupos: população com mais de 20 anos de residência em Sinop (maior tempo de migração); e migrantes com menos de 5 anos de residência em Sinop (menor tempo de migração). Dessa maneira, pretendemos comparar esses falares e verificar como tais grupos percebem a sua fala em contato com seu próprio grupo e com a de outros grupos, e quais as atitudes linguísticas desses falantes diante dos efeitos provocados pelas variáveis:

a) Tempo de migração, ou de residência em Sinop:

Grupo 1 – Informantes com no mínimo 20 anos de residência;

Grupo 2 – Informantes com no máximo 5 anos de residência;

b) Diassexual: 50% homens e 50% mulheres (para verificar qual grupo é mais conservador em relação às influências no falar);

c) Diageracional:

Faixa etária – 21-35 anos;

Faixa etária – acima de 50 anos;

Para verificar a influência do contato dialetal e as atitudes de falantes de distintas faixas etárias;

d) Grau de escolaridade: informantes que tenham concluído no mínimo a segunda fase do ensino fundamental, ou seja, que tenham, no mínimo, a oitava série deste grau de ensino;

e) Diatópico – local de origem: região sul do Brasil, por representarem, em termos percentuais 53% da população de Sinop, segundo dados do IBGE, conforme externado no quadro anteriormente citado.

O método adotado para a realização da pesquisa tem como base os estudos sociolinguísticos e a teoria da variação linguística, com a escolha dos informantes de acordo com as variáveis da pesquisa. Foram entrevistados 16 informantes, assim selecionados:

Tabela 1. Migrantes sulistas

Mais de 20 anos de residência em Sinop				Máximo de 5 anos de residência em Sinop			
de 21 a 35 anos		acima de 50 anos		de 21 a 35 anos		acima de 50 anos	
homem	mulher	homem	mulher	homem	mulher	homem	mulher
2	2	2	2	2	2	2	2

Foram selecionados informantes que migraram da Região Sul do Brasil, com mais de 20 anos de residência em Sinop, e filhos de pais sulistas, que migraram com os pais ou que nasceram já em território mato-grossense.

As informações pertinentes ao objeto de pesquisa foram obtidas por meio de entrevistas a partir de um questionário com questões abertas, gravadas em MP3.

O corpus da pesquisa tem sido constituído pela gravação das entrevistas realizadas com os informantes, de programas de rádio e de televisão, e de eventos de fala gravadas em diferentes acontecimentos da comunidade, como festas típicas, missas, cultos, feiras livres, bares, restaurantes, etc.

Esse corpus, ainda em fase de construção, tem se constituído de manifestações espontâneas registradas em condições empíricas. Certamente, a construção de um corpus sistemático sobre as maneiras de falar é imperativa para detalhar traços fonéticos, construções sintáticas e sentidos diferenciados nas falas da população de Sinop. O que apresentamos aqui são exemplos que podem ilustrar a relevância de um estudo mais denso e sistemático sobre o falar de Sinop.

Destacamos, ainda, que o trabalho que desenvolvemos tomou como base também os dados coletados por meio do projeto Atlas Lingüístico de Mato Grosso (ALIMAT), desenvolvido por professores da Unemat e matriculado no CNPq. Relatamos brevemente, aqui, as principais fontes coletadas, até o momento, e os trechos mais significativos de suas falas para a compreensão do nosso objeto:

- Informante 1 - paranaense, mulher, comerciante, 45 anos de idade, há 30 anos em Sinop;

- Informante 2 - paranaense, mulher, comerciante, 55 anos, há 30 anos em Sinop;
- Informante 3 - paranaense, homem, 35 anos, advogado, há 12 anos em Sinop;
- Informante 4 - gaúcho, homem, 65 anos, aposentado, há 33 anos em Sinop e
- Informante 5 - gaúcha, mulher, 63 anos, dona de casa, há 33 anos em Sinop.

Todos os informantes foram categóricos ao afirmar que a maioria dos habitantes de Sinop são sulistas, que pouco ou quase nenhum contato tiveram com mato-grossenses de nascimento.

Quando perguntados sobre o que achavam do falar considerado tipicamente mato-grossense, invariavelmente suas respostas nos dão indícios de comportamentos linguísticos preconceituosos:

- Informante 2 - afirmou: “[...] ah... tipo cuiabano?... ah... eles são muito acomodado não gosta de trabalha não, cuiabano não, cuiabano não são pessoas igual os sulistas pra trabalha. Se você conversa com certas pessoas ai tu vai vê é só sulista, mas é só sulista.”

- Informante 4 - afirmou: “[...] eu gostava dos mato-grossenses (referindo-se aos cuiabanos). Eu gostava, eu sentava na praça, hoje não dá mais pra sentar (risos). Naquela época a gente sentava na praça e vinha os cuiabanos, sabe? Bão de prosa, eu conversava com eles e eles falavam: “e, esses gaúcho vão toma nossa terra, os gaúcho tão entrando aqui” (risos). Mas eu gosto.”

Todos os informantes disseram que quase não ouvem o falar tipicamente mato-grossense e quando são solicitados a darem exemplos o fazem com deboche.

Quando perguntados sobre qual seria o falar característico de Sinop, mencionaram:

- Informante 2 - “De mato-grossense não tem nada.”
- Informante 4 - “Eu acho que aqui houve uma mistura.”
- Informante 1 - “Aqui é uma miscelânea, tem de tudo.”
- Informante 5 - “Aqui misturou tudo.”

Deste modo podemos sintetizar os dados inicialmente coletados e exemplificados da seguinte maneira: percebe-se certo preconceito, mesmo que muitas vezes mascarados na escolha das palavras, por parte dos sinopenses entrevistados em relação ao falar considerado tipicamente mato-grossense. De modo geral, admite-se a mistura, ou um novo falar emergente, caracterizado pela mescla entre as características mais marcantes do falar cuiabano com o do sulista. Entretanto, alguns informantes não admitem a mistura, como no caso do informante 2, em cuja recusa à influência cuiabana neste falar encontramos a marca mais forte do preconceito.

Ainda no que se refere ao campo linguístico, Sinop parece marcada por uma heterogeneidade linguística proveniente dos diferentes falares em contato, influenciada pelos migrantes fundadores,

paranaenses, gaúchos e catarinenses. É um falar marcado por um léxico, uma fonética, uma morfologia e uma sintaxe que não são próprios das demais regiões de Mato Grosso.

Além dos dados já apresentados, verificamos marcas linguísticas que funcionam em outras regiões do Brasil presentes na fala de moradores sinopenses. No campo semântico-lexical, podemos citar como exemplo um trecho da fala de uma senhora de 65 anos, gaúcha, há 33 anos em Sinop, “ele *ponhô* o nome das cidades, das estradas de mulheres...”; no que se refere ao léxico percebemos que para designar *córrego* (rio pequeno) *córrego*, *corgo*, *corguinho*, *rio*, *riozinho*, *lago*, *igarapé* (vocábulos característicos de outras regiões brasileiras, funcionando em um mesmo lugar), ou ainda, *arroio*, *sanga* e *lajeado* (marcas da Região Sul do Brasil funcionando em espaço mato-grossense).

Embora não possamos afirmar, sem embasamento de um estudo cuidadoso, quem herdou de quem tais características, outras marcas linguísticas ou traços fonéticos como “todo mundo veio com *gara*” (vibrante múltipla); o emprego da segunda pessoa do singular e concordância do verbo: “tu compra...” configuram-se como características do falar da Região Sul funcionando em um espaço mato-grossense. Essas são algumas das características que marcam o falar local, que constitui talvez um “novo” falar mato-grossense e desperta o interesse do nosso estudo.

Desenvolver um estudo ou pesquisa sobre atitudes linguísticas implica retomarmos o conceito de língua – e em que aspecto ela pode ser investigada – fala e dialeto, de maneira a compreender como se dão as variações da língua em uso em comunidades, e ainda definirmos um conceito de atitude linguística, pois o interesse nessa área de pesquisa é multifacetado, conforme veremos a seguir, e podem se orientar por diversos caminhos teóricos, dependendo dos seus objetivos.

Embora para certos linguistas a língua possa ser estudada como abstrata e independente de fatores sociais, para a Sociolinguística a língua existe como interação social. Sendo assim, é “com efeito, na língua e pela língua que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente.”⁵ Nesse sentido, as línguas, criam-se e transformam-se em função do contexto social.

Toda língua está ligada a uma comunidade linguística e, nesse contexto, é usada para atender aos seus interesses. A língua se modifica no mesmo percurso que o grupo social se modifica em sua dimensão social, política, econômica, histórica e cultural.

A língua em funcionamento gera diferentes manifestações linguísticas em decorrência da fala. Isto posto, é na fala que se podem observar primeiramente as mudanças. Vale ressaltar que as variantes surgidas nem sempre chegam à condição de mudança. Como afirmou Faraco,

⁵ BENVENISTE in CLAVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002, p. 2.

[...] nem toda variação implica mudança, mas que toda mudança pressupõe variação, o que significa, em outros termos, que a língua é uma realidade heterogênea, multifacetada e que as mudanças emergem dessa heterogeneidade, embora nem todo fato heterogêneo resulte necessariamente mudança.⁶

As diferentes manifestações linguísticas da fala levam à realização das variedades regionais. Estas, segundo os teóricos da Sociolinguística e da Dialectologia, como Labov, Jürgen Heye, Trudgill, dentre outros, quando se desenvolvem em áreas geográficas distintas, são chamadas de dialetos.⁷

Ao lado dos conceitos de dialeto funcionam também a idéia de “falar”. Muitos autores preferem o termo “falar” a dialeto. Nesse sentido, o falar é uma forma da língua utilizada em um grupo social determinado. Cada falar possui regras sintáticas, vocábulos que lhe são específicos, mas também podem ser comuns a outros falares da língua, ou mesmo a todos.

Parte das mudanças linguísticas nasce do contato entre línguas, entre dialetos e/ou entre dialetos e línguas.

O que varia ou não varia numa língua é uma das questões fundamentais no estudo de uma língua. À Sociolinguística cabe

⁶ FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Ática: 1991, p. 13.

⁷ LABOV, William. *Modelos sociolingüísticos*. Madrid: Cátedra, 1983; MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2000 e TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

“verificar como as variações ocorrem e o modo como os fatores lingüísticos (internos) e extralingüísticos (externos) estão correlacionados ao uso de variantes nos diferentes níveis de fala.”⁸

As variações linguísticas podem ocorrer em dois eixos: diatópicas, neste as alternâncias se expressam regionalmente, considerando-se os espaços físicos e geográficos; e, diastrático, neste as alternâncias se manifestam de acordo com os diferentes estratos sociais, levando-se em conta as fronteiras sociais. Vale ressaltar a questão das variações extralinguísticas, que podem ser: a) geográficas: variações regionais; b) sociológicas: variações provenientes de idade, sexo, profissão, níveis de estudos, classe social, localização dentro de uma mesma região e etnia e; c) contextuais: tudo aquilo que pode determinar diferenças na linguagem do locutor.⁹

De acordo com Mollica, em qualquer que seja o eixo, diatópico (geográfico), diastrático (social), ou de outra ordem, “a variação é contínua, e em nenhuma hipótese, é possível demarcarem-se nitidamente as fronteiras em que ela ocorre. É preferível falar em tendências a empregos de formas alternantes motivadas simultaneamente por condicionamentos diversos.”¹⁰

⁸ PIOVESAN, Almir Antonio. O caráter ideológico da mudança lingüística. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO: Educação: visão crítica e perspectivas de mudança, VI, 2007, Concórdia. Anais... Concórdia: UNC, 2007, p. 4.

⁹ PRETI, Dino. *Sociolingüística: os níveis de fala*. 6. ed. São Paulo: Nacional, 1987.

¹⁰ MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães. Fundamentação teórica: conceituando e delimitando. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs). *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 13.

É importante destacar que a maior parte dos estudos com foco nas atitudes linguísticas tem como objeto diferentes línguas em contato. Não é o caso desta proposta de estudo, pois em Sinop fala-se o português, embora, aparentemente, seja marcado pela heterogeneidade dos falares.

Para melhor conformar objetivos da pesquisa, faz-se necessário definir um conceito de “atitudes linguísticas” já que não há um consenso entre os autores sobre tal definição. Como ressaltou Bisinoto:

[...] essa complexidade conceitual é aguçada pela diversidade de enfoques da questão, vistos em pesquisas sociolingüísticas e etnográficas, a partir dos quais a avaliação e o comportamento dos informantes são explorados de diferentes modos [...] cada viés ou interesse científico acaba por conferir às atitudes uma significação específica.¹¹

Fishman, ao tratar da atitude ante a língua, particularmente das atitudes mais dirigidas e conscientes a respeito da manutenção ou da mudança linguísticas em si, apresenta três categorias básicas de atitudes linguísticas: condutas de atitude afetiva (lealdade, antipatia), atuação condutiva explícita (controle e regularização do uso de hábitos linguísticos mediante o reforço, a planificação, a proibição) e as condutas cognitivas (consciência linguística, conhecimento linguístico, percepções grupais relacionadas com a língua).¹²

¹¹ BISINOTO, op. cit., 2007, p. 23-24.

¹² FISHMAN, Joshua. *Sociología del lenguaje*. Madrid: Cátedra, 1995.

Alves, em sua dissertação de mestrado *Atitudes lingüísticas de nordestinos em São Paulo*, analisou a definição apresentada por A. N. Oppenheim, na qual o autor atribui às atitudes um componente cognitivo contido nas crenças, um emocional expresso por fortes reações e um componente de tendência para ação, que determina o comportamento do indivíduo, como uma tendência que se manifesta quando a situação é favorável.¹³ No que se refere à essa definição, a autora comenta:

A atitude é vista aqui como um processo, dotado de certas etapas, e não simplesmente como um resultado. Ou seja, a percepção do objeto e a demonstração ativa de um indivíduo, a partir dele e com relação a ele, são precedidas e reforçadas por outros procedimentos: o enquadramento do objeto no sistema de crenças e valores do indivíduo e sua eventual reação emotiva a ele. A tendência para um certo tipo de ação torna-se assim o produto, o resultado final desse confronto.¹⁴

Bisinoto destacou que na manifestação concreta de diferentes falares, da variedade linguística, há fatores sociais que afetam tanto linguística como politicamente os comportamentos e as relações dos habitantes, interferindo muitas vezes na própria estrutura social. Sendo assim, a atitude linguística e a social fundem-se nas ações e reações dos indivíduos. Segundo a autora, as avaliações (manifestas e encobertas; subjetivas e objetivas) mais ou menos conscientes “têm a propriedade de fundar e governar tanto as relações

¹³ ALVES, Maria Isolete Pacheco Menezes. *Atitudes lingüísticas de nordestinos em São Paulo: uma abordagem prévia*. 1979. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Programa de Pós-Graduação em Lingüística, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 1979.

¹⁴ ALVES, op. cit., 1979, p. 27.

de poder quanto o prestígio e desprestígio das formas lingüísticas, estabelecendo seletividades, evidenciando preconceitos.”¹⁵ Por isso, adota o termo “atitudes sociolinguísticas” por entender que melhor se aplica ao objetivo de descrever a complexidade do procedimento dos falantes. E é com esse conceito que trabalhamos em nossa pesquisa por ser o que melhor se aplica aos nossos objetivos.

Conclusão

Apesar de parcial, e, portanto inconcluso (o que torna este item do artigo, de início, já um tanto impertinente), consideramos aqui apenas a análise do material que já foi coletado e sobre o qual estamos ainda em fase de análise.

Diante do exposto, consideramos que a região norte de Mato Grosso, colonizada predominantemente por migrantes oriundos da Região Sul do Brasil, apresenta fortemente marcado no falar da população local variações linguísticas características das regiões de origem dos seus pioneiros, embora possam já ter sofrido influências do tempo em contato com outros falares. Dentre esses falares, a cidade de Sinop apresenta também suas variações linguísticas em termos semântico-lexicais ou morfossintáticos influenciando ou sendo influenciados pelos recém-chegados na cidade, pois sabemos que “a

¹⁵ BISINOTO, op. cit., 2007, p. 24.

língua funciona como um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua.”¹⁶ Sendo assim, as línguas influenciam e sofrem influências sociais.

Sinop parece marcada por uma heterogeneidade linguística influenciada pelos migrantes fundadores – paranaenses, gaúchos e catarinenses. É um falar marcado por um léxico, uma fonética, uma morfologia e uma sintaxe que não são próprios das demais regiões de Mato Grosso. Com o fluxo contínuo da entrada de migrantes em Sinop, o falar sinopense constitui-se de uma diversidade de falares em contato, que sofre um processo de variação, isto é, algumas características linguísticas que eram correntes no início de sua fundação em alguns falantes parecem estar desaparecendo. É de se esperar que essa convergência de falantes de diversas variedades regionais do português brasileiro em um mesmo espaço tenha suas consequências linguísticas.

Nesse contexto, insere-se nosso interesse na região de Sinop, Município situado ao norte de Mato Grosso, ocupado, em sua maioria, por migrantes sulistas. O fluxo migratório a partir do qual a cidade se desenvolveu é um dos fatores que justifica a relevância desta proposta de pesquisa, porque evidenciará uma comunidade, que parece ser a reunião de várias características, já que nela convive uma diversidade de traços culturais e linguísticos de várias regiões do Brasil, em sua maioria, sulistas.

¹⁶ PRETI, op. cit., 1987, p. 2.

Encontra-se em fase de desenvolvimento o projeto *Altas Lingüístico do Estado de Mato Grosso* – coordenado pelo professor José Leonildo Lima (Pontes e Lacerda), com a participação dos professores Antonio Tadeu Gomes de Azevedo (Sinop), Cássia Tomanin e Valéria Faria Cardoso (Alto Araguaia) – que tem por objetivo mapear o português falado em todo o território mato-grossense.¹⁷ Sinop, cujo fluxo migratório a partir do qual a cidade se desenvolveu pode ter resultado numa diversidade de características culturais e linguísticas, estará contemplada na segunda fase do projeto citado. Tendo em vista que poucos trabalhos têm sido desenvolvidos, em Mato Grosso, com foco nas atitudes linguísticas de falantes; e, ainda, que o nosso Estado apresenta-se, na área de linguagem, marcado linguisticamente por diferentes falares, influenciado, muito em parte por seu processo de colonização/ocupação, destaca-se a relevância do nosso interesse no desenvolvimento desta pesquisa. Diante

¹⁷ Ver os seguintes trabalhos: LIMA, José Leonildo. *A variação na concordância do gênero gramatical no falar cuiabano*. 2007. 261 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Programa de Pós-Graduação em Lingüística, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2007; SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. *Aspectos fonológicos do português falado na baixada cuiabana: traços de língua antiga preservados no Brasil*. 2000. 319 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2000; SILVA, Mariza Pereira da. *A dinâmica de um processo de mudança: variação entre [ãw] e [õ] em Mato Grosso*. 2005. 187 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2005 e TOMANIN, Cássia Regina. *Fotografias da fala de Alto Araguaia*. 2003. 197 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Programa de Pós-Graduação em Lingüística, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2003.

do exposto, é de suma importância a realização de um estudo, para conhecermos os efeitos dos falares em contato e tentar compreender quem influencia ou é influenciado nesse processo.

Somam-se aos nossos interesses na realização da pesquisa o fato de poucas pesquisas linguísticas terem sido desenvolvidas no Estado de Mato Grosso. Somente nos últimos dez anos tais pesquisas começaram a se difundir no Estado. Até então, elas concentravam-se em Cuiabá e nos municípios circunvizinhos que compõem a Baixada Cuiabana.¹⁸

Para finalizar, destacamos que o presente estudo teve por objetivo proporcionar reflexões sobre as relações linguísticas em curso naquela região do Brasil para que possamos tanto justificar melhor nosso recorte como tentar compreender o porquê de sua importância quando se fala em atitudes (sócio) linguísticas no Estado de Mato Grosso.

É importante destacar que o que apresentamos é um corpus ainda em fase de construção. Há ainda um caminho longo a percorrer, no sentido de tentarmos verificar se as atitudes evidenciadas diante desse falar são positivas ou negativas por parte dos migrantes sulistas; compreender como, por que e a partir de quem se manifestam os estigmas e se constituem os estereótipos linguísticos em Sinop. Para tanto, faz-se necessário um estudo mais sistemático a partir dos dados coletados.

¹⁸ Ver DETTONI, Rachel do Valle. *A concordância de gênero na anáfora pronominal: variação e mudança linguística no dialeto da baixada cuiabana – Mato Grosso*. 2003. 256 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2003.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Maria Isolete Pacheco Menezes. *Atitudes lingüísticas de nordestinos em São Paulo: uma abordagem prévia*. 1979. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Programa de Pós-Graduação em Lingüística, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 1979.
- BENVENISTE in CLAVET, Louis-Jean. *Sociolingüística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.
- FARACO, Carlos Alberto. *Lingüística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Ática: 1991.
- FISHMAN, Joshua. *Sociología del lenguaje*. Madrid: Cátedra, 1995.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: jun. 2011.
- LABOV, William. *Modelos sociolingüísticos*. Madrid: Cátedra, 1983.
- MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães. Fundamentação teórica: conceituando e delimitando. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs). *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- PIOVESAN, Almir Antonio. O caráter ideológico da mudança lingüística. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO: Educação: visão crítica e perspectivas de mudança, VI, 2007, Concórdia. Anais... Concórdia: UNC, 2007.

PRETI, Dino. *Sociolingüística: os níveis de fala*. 6. ed. São Paulo: Nacional, 1987.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

Fontes

BISINOTO, Leila Salomão Jacob. *Atitudes sociolingüísticas: efeitos do processo migratório*. Campinas: Pontes, 2007.

DETTONI, Rachel do Valle. *A concordância de gênero na anáfora pronominal: variação e mudança lingüística no dialeto da baixada cuiabana – Mato Grosso*. 2003. 256 f. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2003.

LIMA, José Leonildo. *A variação na concordância do gênero gramatical no falar cuiabano*. 2007. 261 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Programa de Pós-Graduação em Lingüística, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2007.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. *Aspectos fonológicos do português falado na baixada cuiabana: traços de língua antiga preservados no Brasil*. 2000. 319 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2000.

SILVA, Mariza Pereira da. *A dinâmica de um processo de mudança: variação entre [ãw] e [õ] em Mato Grosso*. 2005. 187 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2005.

TOMANIN, Cássia Regina. *Fotografias da fala de Alto Araguaia*. 2003. 197 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Programa de Pós-Graduação em Lingüística, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2003.

Recebido em 23 de outubro de 2008; aprovado em 15 de dezembro 2011.